

# o Libertário

LUTAMOS CONTRA  
TODAS AS FORMAS DE  
TIRANIA, DE EXPLORA-  
ÇÃO E DE OBSCURAN-  
TISMO — E EM PROL DE  
LIBERDADE E BEM-ESTAR  
PARA TODOS.

## Getulismo e Peronismo

Por ocasião do fim da primeira grande guerra (1914-1918), o capitalismo italiano e o Vaticano prestigiaram o socialista — Benito Mussolini, ateu e maçom, e o fizeram líder do movimento fascista destinado a se opor às reivindicações e conquistas sociais do proletariado da Itália.

Conseguindo ludibriar a ingenuidade e ignorância de grande parte do povo com a exaltação de um nacionalismo ridículo e aproveitando-se da fraqueza e inabilidade dos líderes socialistas, quando não do seu oportunismo, principalmente, após o assassinio de caráter político do líder socialista Matteotti, impôs Mussolini ao rei, o que o rei aguardava e desejava, — ditadura fascista, isto é, a ditadura do capitalismo sobre o proletariado.

Ao assassinio de Matteotti seguiram-se outros. Começaram as perseguições aos adversários e as prisões passaram a receber honrados defensores da causa da tranquilidade e bem-estar de cada um, e a devolvê-los como cadáveres ou trapos humanos. Professores e demais intelectuais, que não se amoldavam ao novo credo, ou que o repeliavam, passaram a ser atacados, caluniados, ridicularizados e encheram as prisões. Era o programa de desmoralização dos homens cultos, conscientes e dignos, os únicos que, podendo ver com clareza o jogo político, podiam denunciar, e muitos denunciavam, as intenções e finalidades do fascismo.

O exemplo alastrou-se. No Brasil foi feito líder Getúlio Vargas, o qual, na campanha para Presidente da República, havia declarado em S. Paulo, que, se eleito, governaria nos moldes de Mussolini. Já no Governo de Artur Bernardes, que, com Epitácio Pessoa, fora precursor do fascismo no Brasil, se havia congratulado com ele, pela vitória sobre os revoltosos de 1924, aos quais se referiu de maneira desprimorosa. Bernardes governara quatro anos em regime de Estado de Sítio e sobre a sua memória pesa a responsabilidade de tantas vidas minadas pelas febres dos mangues da Clevelandia, o seu grande campo de concentração, pelas doenças contraídas na "geladeira" da Polícia Central da Capital da República ou arrancadas aos prisioneiros pelos fuzilamentos das tropas legais.

Na Argentina, o aventureiro foi Juan Peron.

Os processos da tirania fascista, com pequenas variantes, são os mesmos onde quer que se haja o fascismo implantado. Ouvir alguém, a uma testemunha de uma nação sob regime fascista, narrar a série de horrores praticados em seu país, é ver desenrolar, ante seus olhos, a série de horrores praticados, também no seu.

O ditador, como uma poia de exerceção, atrai a si o mosquito de despuadados oportunistas e aproveitadores, que o exaltam e santificam, para, à sua sombra, conseguirem o que jamais conseguiram por meios honrados e dignos. Nas ditaduras fascistas, apenas as mediocridades, arvoradas em gênio pela propaganda oficial, dominam, porque só elas se podem prestar por sua completa estupidez e absoluta ausência de dignidade, a papéis tão infames como são os exigidos por regime tão desumano! Amparados pela total ausência de liberdade, pela certeza da impunidade, multiplicam-se e avolumam-se os abusos dos senhores da situação, alastra-se o deboche, a polícia transforma-se em legião de facinoras e os aínheiros públicos geram ricos da noite para o dia!

Algumas ditaduras fascistas caíram. Outras, onde ainda atendem elas, aos interesses do capitalismo, permanecem de pé, porque a ditadura fascista é a ditadura do capitalismo sobre o proletariado.

Onde elas caíram, permaneceu, no entanto, em grande parte do povo, que foi educado por uma propaganda de distorção da verdade, o espírito delas. Os que perderam as suas posições, mas não perderam nem a vida, nem a liberdade, embora responsáveis pela supressão de tantas vidas e da liberdade de um povo inteiro, passado o susto e sentindo-se impunes, não se conformando com a perda da situação que desfrutavam, procuram, para

reavê-las, reanimar o espírito fascista, usando das liberdades que negavam, exigindo respeito a princípios que não reconheciam e que, no íntimo, não aceitam. Tolerados, criam dificuldades de toda a sorte ao restabelecimento do regime democrático, regime, pelo menos, de liberdades parciais, procurando agravar a situação do povo, para justificar o regime fascista e voltar a ele.

Outro não tem sido o procedimento do getulismo, no Brasil, e do peronismo, na Argentina. No Brasil foram mais felizes os fascistas getulistas porque jamais deixaram, de todo, o poder. Deposto o ditador, foi para Presidente da República, o grande responsável pelo golpe fascista brasileiro, o ex-Ministro da Guerra, general Gaspar Dutra, que manteve íntata a máquina do Estado-Novo, o que garantiu a volta do ex-ditador como Presidente!

Com a justiça feita pelas próprias mãos que, em momento de demagogia, aconselhara ao povo, mas de que, apavorado, logo o fizera recuar, deixou livre o ambiente, para a renovação. Mas os novos condutores, remanescentes do fascismo, não tinham grande força moral para o expurgo que os de outra geração pretendiam fazer, chamando os malfeteiros à responsabilidade, na Base do Galeão. E o Brasil continuou a ser governado pelo espírito fascista, cujo corpo, que mais parece um cogumelo venenoso nascido em um vaso, é, à maneira das múmias egípcias, adorado, na Clevelandia, Estado da Guanabara, em pequeno trato de gramínea.

Na Argentina, depois de tanta temporização, decidiram, enfim, encerrar os fascistas, os quais resolveram lavar um protesto, mandando votar em branco. Protesto por não deixarem que eles fizessem, o que eles, durante anos e anos, não permitiram a outros fazerem.

Aos partidários do regime democrático ou aos partidários de um estágio de civilização superior, cumpre desmascarar as artimanhas dos remanescentes do regime fascista, e de quantos lutam, arduamente, por levar os povos, a qualquer regime de supressão das liberdades individuais.

SERAPHEM PÔRTO

## Contra a Sanguinária Ditadura Salazarista

Notícias recentes denunciam novos crimes praticados pelo famigerado salazarismo no simpático e sacrificado país da beira da Europa.

Continua a não haver nenhuma liberdade de expressão do pensamento, com a imprensa inteiramente arrolhada, o rádio e a televisão à mercê das conveniências da ditadura, os livros sujeitos aos rigores de uma estúpida censura.

Os impostos lançados com o fim de fornecer recursos para a opressão ditatorial agravam a situação de penúria da população trabalhadora.

Além de tudo isso, as perseguições se verificam desde as prisões provocadas por simples suspeitas de manifestações de descontentamento até aos assassinatos.

Numa manifestação realizada no dia 1.º de Maio o povo foi atacado

## Congresso Anarquista na Argentina

No Congresso realizado em Novembro de 1961, em Buenos Aires, da Federação Libertária Argentina, do qual participaram os companheiros Pedro Catalo e Edgard Leuenroth, foi deliberado promover-se um Congresso Extraordinário com o propósito precípuo de resolver principalmente sobre os problemas estritamente ligados a esta valiosa organização libertária da América Latina.

Após um prolongado período de preparação, durante o qual foram divulgados diversos boletins contendo minuciosas informações e trabalhos sobre os problemas do temário, a realização do certame foi marcada para os dias 16, 17 e 18 de Agosto, devendo suas reuniões serem realizadas em sua sede própria de Buenos Aires.

Além dos trabalhos informativos de suas atividades, organizados pelo Conselho Nacional e pela Comissão Organizadora do Congresso, foi preparado um importante temário, dele constando uma declaração de princípios, fixação da estrutura e das normas orgânicas da entidade, bem como as relações internacionais do movimento libertário.

Transmitindo aos companheiros que se reunirão nesse Congresso nossas saudações, que, estamos certos, são de todo o movimento libertário do Brasil, fazemos votos para que de seus esforços resulte o mais amplo êxito em proveito da causa do anarquismo.

## Segundo Congresso da F.O.R.A.

Tivemos comunicação de que a Federação Obrreira Regional Argentina organizou para os dias 28, 29 e 30 de julho p. passado, o seu segundo Congresso extraordinário nesta nova fase de suas atividades públicas após o período reacionário do peronismo.

O programa desse certame da gloriosa organização sindical de ação direta libertária constou de importantes assuntos, como sejam a reestruturação de sua entrosagem orgânica e a reafirmação de sua finalidade social, destacando-se o item referente à confraternização dos elementos adeptos de seu movimento.

Registrando a nossa satisfação por essa alvareira notícia, enviamos nossas fraternais saudações aos companheiros da F.O.R.A., fazendo votos pelo sucesso de suas atividades.

a tiros, causando feridos e mortos, entre eles, a morte de um militante anarquista. Um telegrama de há dias fala em prisões no Pôrto e num assassinato.

Agostinho Fineza, o jovem assassinado era um militante do movimento libertário. O noticiário do fato classifica-o de comunista. Aliás, tudo o que se faz em Portugal contra a ditadura salazarista é atribuído aos comunistas. Isso é calculadamente feito pela ditadura com o fim de atribuir à intervenção bolchevista do exterior a ação pela libertação do povo português.

Os anarquistas, é preciso que se diga, nunca procuram capitalizar demagogicamente para o seu movimento o sacrifício de lutadores.

Lançando o nosso protesto contra o altivo povo português, estamos certos de que ele acabará por se decidir a agir decisivamente contra os sanguinários ditadores.

## Em Defesa da Revolução Cubana

Manifestações de descontentamento e de protesto contra os desvirtuadores de suas finalidades

Os anarquistas estiveram sempre ao lado do povo cubano nas lutas pela sua liberdade, combatendo, portanto, todos os regimes de tirania a que tem estado sujeita a gloriosa ilha das Antilhas.

Não é de agora essa atitude do movimento libertário. Vem desde o tempo das lutas pela sua libertação do domínio colonial. E essa conduta dos militantes anarquistas não se evidencia apenas em demonstrações de simpatia e de solidariedade, através da sua imprensa, por todos os elementos de divulgação, de conferências, de comícios, de agitações, mas também na luta ativa e direta no interior do país contra as ditaduras derrubadas pelo sacrificado povo da ilha.

E muito seria preciso escrever para registrar os sacrifícios que têm valido aos militantes libertários cubanos e de outras nacionalidades lá domiciliados: perseguições de toda a ordem, prisões, brutalidades, processos e até assassinatos.

Como sempre, os libertários de Cuba participaram de todas as fases da luta contra a ditadura batistiana, tendo atuação de destaque em Sierra Maestra, dela descendendo à frente das tropas que entraram em Havana. Isso está documentado, positivamente provado.

Não pode, portanto, encontrar justificação as perseguições de que estão sendo alvo e praticadas pela ditadura que se apossou do governo do país e está desvirtuando as finalidades da revolução.

A imprensa anarquista de Cuba foi suprimida, todas suas organizações foram fechadas e, o que é mais odioso, os militantes anarquistas estão sendo alvo de toda a sorte de perseguições: prisões, processos e até perspectivas de serem levados ao Paredon! Grande é o número de militantes anarquistas que tiveram de sair de Cuba, em virtude dessa reação atentatória das finalidades da revolução libertadora.

Não pode, pois, causar estranheza que se verifiquem atos de protesto contra essa situação. Esse movimento de protesto contra as perseguições a participantes da revolução, não podem ser confundidos com atos de elementos capitalistas, que são contrários a todos os movimentos de libertação social.

Os anarquistas estão com a revolução libertadora do povo cubano e, justamente por isso, não podem concordar com os ditadores que estão desvirtuando as finalidades pelas quais essa revolução foi feita.

Justificam-se, pois, as manifestações de protesto que se estão realizando em muitos países, como, por exemplo, a que é noticiada abaixo e teve lugar na Inglaterra.

"O Estado de São Paulo" publicou em sua edição de 21-7-63 uma notícia de Londres, da qual destacamos o seguinte trecho referente à ação dos anarquistas ingleses em uma manifestação antiditatorial de protesto contra as prisões de anarquistas pela ditadura de Fidel Castro.

"Onze membros da Federação dos Anarquistas Londrinos introduziram-se no edifício, para realizar uma manifestação de protesto pacífico de surpresa, tipo "comando", contra a detenção de prisioneiros políticos no

## ADMINISTRAÇÃO DE "O LIBERTÁRIO"

Em virtude da necessidade de dar acolhimento a notícias de caráter inadiável, vemos-nos forçados a adiar para o próximo número alguns originais, inclusive a nota administrativa de "O Libertário" com a indicação das importâncias recolhidas e das despesas feitas.

território de Castro. Tendo subido dois lances de escadas, os demonstrantes entraram numa sala e, depois de ter aberto as janelas, ali penduraram cartazes em que se pedia a liberdade para todos os prisioneiros políticos do mundo e que ostentavam também dizeres como este: "Não para Castro, não para os ianques e liberdade para os cubanos".

A partir deste ponto, divergem substancialmente as versões dos manifestantes e funcionários da Embaixada. Os primeiros sustentam que, depois de cerca de meia hora de paciência espera, doze policiais chegaram ao local e não com muita gentileza literalmente os levantaram e transportaram para fora do edifício, depositando-os então na calçada, onde já se encontrava um segundo grupo, de 20 anarquistas, com outros cartazes de protesto. Os funcionários da Embaixada sustentam, ao contrário — a este ponto foi incluído na nota de protesto que será apresentada ao "Foreign Office" — que os manifestantes usaram de violência contra o embaixador, Federico de Cordova Castro, quebrando-lhe os óculos, que tinha em suas mãos, e obrigando-o a pedir auxílio à polícia. Além disso, os funcionários dizem que os anarquistas examinaram todos os aposentos da Embaixada, abrindo armários e gavetas, findando por instalar-se na biblioteca, de onde foram obrigados a sair pelos policiais, chamados por uma funcionária da Embaixada".

## COMEMORAÇÃO DA REVOLUÇÃO ESPANHOLA

A data de 19 de Julho de 1936 passou a ser um acontecimento histórico de vasta proporção e de repercussão universal porque, naquela ocasião, na Espanha, feriu-se a luta que definia claramente os destinos da humanidade.

Hitler e Mussolini, abjetas figuras de infáusta memória, bem o sabiam, e, por isso, descarregaram toda a sua hedionda bilis sobre um povo que ensaiava os primeiros passos na conquista de um regime onde a riqueza social tivesse uma aplicação equânime, justa e humana.

Dolorosamente, essa gesta de tão significativa importância não foi compreendida pelos povos de outros países, que preferiram, a indiferença suicida ao abraço fraternal e manumissor. E o mundo, que poderia ser hoje de paz e tranquilidade, acobertando os seus habitantes daqueles males adrede provocados, não é mais do que um vasto campo de iniciativas paranóicas que acentuam cada vez mais a miséria e a desigualdade social.

Essa data, que os sociólogos modernos ainda não se dignaram pesquisar em seu valor intrínseco, não podia passar despercebida em São Paulo e foi comemorada no Centro de Cultura Social, onde estiveram presentes militantes dos vários setores antifranquistas.

E, numa reunião modesta, mas expressiva, porque foi composta de elementos de real valor na luta pela libertação de Espanha e Portugal, foi prestada a devida homenagem aos que caíram e aos que ainda continuam presos há 23 anos, nos cárceres inquisitoriais da cleresia franquista.

Historiando aqueles acontecimentos, falaram Pedro Catalo, Lorenzo Serrano e Antonio Gomes. Alguns companheiros presentes também participaram com seus apertados eloquentes, reafirmando o seu propósito de continuar na luta antifascista até a queda final das truculentas ditaduras de Franco e Salazar. — Pedro Catalo.

# Histórica Atitude de José Oiticica

## EVIDENCIADA E ELEVADA ETICA LIBERTÁRIA

Os libertários nunca têm ficado à margem dos movimentos populares verificados no Brasil, dos quais possam ser conseguidos resultados em benefício do povo.

Como lutam contra todas as injustiças sociais e em prol das reivindicações populares, sempre que se enquadram no programa de ação libertária, como agitações políticas, quarteladas, etc., procuram os senhores da situação envolver os anarquistas nas malhas da reação.

Foi assim na revolução de 1924, em São Paulo, de 1932, no mesmo Estado, e de 1935, provocada pelos bolchevistas. Por ocasião desses acontecimentos o movimento anarquista foi atingido na ação reacionária desenvolvida, com a supressão de sua imprensa, fechamento das suas organizações e perseguições, prisões, deportações de militantes libertários, sujeitando muitos a processos.

Em consequência da revolução de 1924, numerosos foram os militantes anarquistas atingidos pela furiosa reação, sendo vítimas de toda a sorte de brutalidades, tendo seus domicílios assaltados, com a apreensão de suas bibliotecas. Inúmeras foram as prisões verificadas pelo Brasil afóra. Desses elementos presos muitos foram processados e outros deportados para a Clevelandia. Oportunamente será divulgada a história dos horrores a que foram submetidos os companheiros desterrados para essa inhospita região do extremo Norte. Lá perderam a vida cinco anarquistas: Pedro Mota, Nino Martins, Nicolau Parada, José Alves do Nascimento e José Fernandes Varela.

Para as ilhas da Guanabara também foram deportados militantes anarquistas, entre eles, o professor José Oiticica. Os sofrimentos a que foi submetido esse saudoso companheiro é contado por ele num valioso documento encontrado entre os seus papéis. Trata-se de uma carta endereçada a um amigo empenhado em conseguir sua libertação, Jackson de Figueiredo, figura de destaque na intelectualidade brasileira, que, não obstante a divergência de princípios, era dedicado amigo de Oiticica. Era ele, líder do movimento cristão (da corrente renovadora) e o nosso companheiro militante ativo do anarquismo, preso justamente por esta sua cidadania social.

Julgamo-nos dispensados de salientar o valor desse documento, pois fala por si. Nêle está evidenciado o grande valor da personalidade de José Oiticica, através da qual avulta a grandiosidade da ética do anarquismo, pela qual pautava a sua preciosa existência.

"Iha do Bom Jesus 22-8-925. Meu caro Jackson.

Releva-me escrever-te neste papel, único de que disponho aqui.

Acabo de receber tua carta de 19. Comoveu-me sobretudo ver quanto insistes na minha libertação, chegando a assumires, contra minha vontade, perante o sr. Presidente da República, o compromisso de meu bom comportamento.

Pedes-me anua a teu empenho e declare, em carta, consentir na tua responsabilização espontânea. Não podes avaliar, meu caro amigo, o sobreesforço moral com que recuso semelhante oferta. Primeiro, por dar um desiludido não a quem me prova tanto apreço e amizade, hoje raríssima. Segundo, por ferir pungentemente, com mais uma desesperança, minha adorada companheira de vida e alongar, por meses ou anos, a precária situação de minhas filhas, já tão prejudicadas em sua educação com minha ausência.

Tudo isso pesei e repesei, lutando contra o intenso desejo de rever meu lar e recomeçar, com dobrado afinho, a tremenda pelega diuturna pela vida. Mas pertenco a uma escola que põe a serenidade e a inquebrantabilidade acima de tudo, não por orgulho, senão por coerência e retidão de alma.

Demais, em carta que escrevevo

### AQUILINO RIBEIRO (Conclusão da 3.ª pág.)

sado. Por quê? Eis uma pergunta a que poucos podem responder — como pouca gente há que saiba explicar a violência cometida contra o escritor, pelos que só pela força bruta das armas e doutros meios de repressão têm podido deter em suas mãos as rédeas do Governo. O que é certo é que o caso assumiu proporções de verdadeiro escândalo e deu lugar a uma troca de cartas entre o autor e o diretor da Censura, tendo o governo de Salazar metido bedelho no assunto, interpondo no caso, desastiladamente, o então ministro do interior. Mas Aquilino Ribeiro nem por isso desarmou. Manteve-se imperturbavelmente sereno e foi desancando nêles, até que o processo foi mandado arquivar.

Como tantas vezes o fizera durante a sua longa e fecunda existência, Aquilino mostrou-se corajosamente capaz de pensar e escrever livre das peias governamentais — a Censura!

Quando já poucos minutos tinha de vida, estando a seu lado sua dedicada e piosa e outros familiares, além do seu médico assistente, este notara que o enfermo se esforçava por evitar um ligeiro acesso de tremuras que o acometera... Pegou-lhe afetuosamente nas mãos, que apertou e pretendia conservar algum tempo entre as suas. Mas Aquilino Ribeiro reagiu ainda, proferindo palavras que refletiam bem a lucidez do seu pensamento e a profunda amargura do seu espírito, sentindo que partia para sempre deixando o seu país amarrado ao pejourinho da mais ignominiosa peplência.

— Deixe, doutor... A um homem nunca se deve prender as mãos, mesmo que seja na hora da sua morte... Junho, 1963 — Lisboa.

Jacques DAMASTOR



José Oiticica

minha mulher, o mais adamantino caráter que jamais conheci no mundo, me avisa ela que aceite tua proposta se "não for cousa que afete tua dignidade". A tudo sobrepõe ela minha dignidade. Prefere-me preso e ver-se tão cruelmente separada de seu companheiro de 35 anos, (pois moramos juntos desde crianças), a ter-me diminuído no meu brio ou na minha altivez.

Recusando, embora prevenido indefinida prisão, mantendo integro, aos olhos dela, meu caráter e mais forças lhe dou para resistir a tão duras provações.

Quero expôr-te aqui, minuciosamente, as razões do meu proceder.

Fui preso há quasi quatorze meses. A primeira humilhação sofrida foi a de não me darem a menor satisfação da violência praticada, pois não havia estado de sítio e eu ignorava completamente os sucessos de São Paulo.

A segunda humilhação foi meterem-me entre réus de crime comum, numa sala vizinha às oficinas de encadernação, servindo-me eu, até das mesmas privadas dos correccionais. Conquanto deles não tenha a menor queixa, havendo, ao contrário, deles recebido as maiores fincaças, senti, naquela reclusão, um claro propósito de injusta deprimência.

O governo não me interrogou, não me ouviu, não apurou sequer se minha opinião era pro ou contra a sedição e, somente por ser eu anarquista, me equiparou a assassinos e ladrões.

A terceira humilhação, requintada com inominável crueldade foi a de suprimirem, legalmente, meus vencimentos. O governo sabia que, fora desses vencimentos e dos recursos auferidos com minhas lições particulares, eu nada possuía. Nunca logrei pôr dinheiro em bancos ou em caixa econômica. Meus ganhos, com aquela atividade que bem conheces, mal cobriam as enormes despesas de casa.

Esse tremendo golpe do governo deu azo a uma série de dolorosas humilhações: empréstimos, subscrições, presentes indiretos, cousas extremamente vexatórias a quem viveu sempre do seu trabalho, só recorrendo, em momentos de quasi sossobro, a seu pai e irmãos. Dois meses depois, atiram-me à Ilha Rasa! Não podes calcular o que foi isso para minha pobre companheira. Não lhe podiam infligir mais execrucante martírio. Na correção, conquanto incomunicável, podia dar-me adeus de longe e consolava-se com me ter perto recebendo notícias diárias.

Sabes o que somos, nós dois, um para o outro, a comunhão verdadeiramente erista (no exato sentido) das nossas almas. Apartá-las de chofer, por sete meses de exílio, foi para elas o padecimento máximo. Tudo suportamos sem vacilações. Na Ilha Rasa, onde fui quasi fuzilado, passei por humilhações amargas, sobretudo de um tenente local, que acaba de ser promovido por merecimento. Um dia tive de receber num conflito onde facilmente seria eu vítima, se o tenente não se houvesse acobardado. Na Ilha das Flores, novas humilhações. Fui preso num navio, quando os soldados do destacamento estavam alojados em movimento igual ao dos oficiais presos comigo. Ai éramos humilhados, de quando em quando, pelos oficiais, que chegaram a mandar-nos para a cama, tivessemos, ou não, sono, nos proibiram cantar e arrogantemente se jactavam da nossa inferioridade de presos.

Minha correspondência, desde 5 de julho, tem sido cuidadosamente censurada passando eu assim pela severa humilhação de revelar a olhos estranhos, sem sempre discretos, minha vida íntima.

Esperei, na Ilha das Flores, ver minha mulher e filhos. Eram, porém, necessárias licenças especiais. Tivemos de humilhar-nos ainda a solicitações diárias e receber, como alto favor, uma visita de uma hora. Não me querendo curvar, impetrei habeas corpus, tendo-me sido concedida comunicabilidade anula.

O governo, entretanto, insistiu em humilhar-me e não cumpriu o acordado do Supremo. Muitas lágrimas custou isso a minha mulher que, fiada na dignidade (o impagável direito das democracias) para lá realabava com duas horas de viagem. Recusa de comandante ou mera concessão de então (só então!) a improvisada tabela.

Recorri novamente ao Supremo Tribunal que me concedeu comunicabilidade sem restrições de dias ou horas. Pois, ainda assim, prossegue o governo a humilhar-me com sua tabela iníqua e vexatória. Minha mulher não me vem ver quando quer, mas quando lhe permitem seus assoberbantes azares, inclusive a de cozinheira há mais de um ano, e a tabela, previamente organizada, é muitas vezes um empeco. Passasses tu aqui dois meses, meu caro Jackson, e poderias compreender meus sofrimentos nestes comridos quatorze meses.

Sobretudo, a esmagadora humilhação de reduzirem-nos à vida de colégio, com mesas de mármore sem toalhas, bancos de nau, talheres mal lavados, comida intragável e dormitório comum, sem mesa para escrever, sem cabide para roupa, sem nenhum conforto.

E, quando obtenho isoladamente para trabalhar, concedem-me por quatro dias na Brigada e me reenviam para o colégio interno sem cerimônia alguma.

E tudo isso, por quê? Houve um ato meu, indício sequer confirmativo da mais leve suspeita? O governo é o primeiro a confessar que não.

Tenho eu ambições de cargos, mando, vantagem quaisquer na política nacional? Absolutamente nenhuma. Continuamente me tenho recusado a quaisquer compromissos políticos e há quinze anos que aconselho sempre os operários a fugirem das lutas políticas para concentrarem seus esforços exclusivamente na luta econômica. Em meus artigos sempre assim me externei e não há uma linha de meu punho a favor deste ou daquele.

Se há gente a quem, deliberadamente, programaticamente repugna a política e não se envolve em revoluções de políticos são os anarquistas.

Logo, nada justifica minha detenção nem tantas humilhações.

Mais ainda. Como explicar minha reclusão, quando tantos indivíduos possuindo um total de mil aderentes.



Estes são os quatro estudantes italianos envolvidos no caso do vice- consul da Espanha em Milão, cuja notícia saiu em nosso número passado, quando se encontravam no tribunal franquista respondendo a interrogatório.

suspeitos, outros indigitados, outros delatados, outros manifestamente simpáticos à revolução, outros apanhados com armas nas mãos, outros até denunciados se acham soltos? Onde o espírito de justiça e equanimidade em tudo isso?

Já te expliquei a impossibilidade material de levantar eu operários no Rio, ainda que o pretendesse. Não sou, portanto, nem leve sombra de perigo alar... (Aqui falta uma página da carta, a página 9)... desabonadores da nossa terra.

Sendo assim, penso defender meu nome e a própria dignidade da minha função pública regeitando a condição de assinar um compromisso, ou aceitar o compromisso de outrem, como réu beneficiado, como colegial arrependido, ou soldado relapso. Julgo minha liberdade um direito que deixo reconheciam incondicionalmente.

O sofrimento não me quebranta. Passarei na prisão mais um, dois ou três anos, com a mesma serenidade, criando resistências das minhas mesmas amarguras.

Embora sem desejar-lo, auguro, como S. Paulo, aos meus detentores, tantas brasas acesas sobre suas cabe-

cas, quantas horas de mágoa vão causando implacavelmente aos meus. Pesa-me declinar de teu bondoso oferecimento. A subtileza da tua combinação não disfarça o capitis diminutio, nem aplacaria os tremendos brados da minha consciência revolvida.

Perdoa, caro Jackson. Sei que és do mesmo barro, da mesma tabatinga nortista e estou certíssimo de que procederias, no meu caso, como estou procedendo.

Se eu ascendesse ao teu pedido, aliás tão confirmador da tua bondade cristã, que tremendo juiz diante de mim! Demais não quero crer procedessem diversamente o sr. Ministro do Interior e o próprio sr. Presidente da República.

Aproveito a ocasião para renovar meu insistente pedido de transferência, com o que muito me obsequiará o sr. Ministro da Justiça em quem reconheço um espírito de puro quilate.

Perdoa, mais uma vez, teu, que espera continuar sempre digno da tua amizade.

JOSÉ OITICICA

## MUNDO DE PARADOXOS

### OS BOLCHEVISTAS INDIANOS

— Na própria Índia, dez mil estudantes saíram em passeata protestando contra os "fumadores e traficantes de opio" e atacaram a sede do P.C. em Nova Deli, que havia expedido nota condenando a agressividade de Moscou e Pekin, e exortando o povo indú a pegar em armas na defesa da santa nacionalidade...

O P. C. ARGELINO PÓSTO FORA DA LEI — Na Argélia, recém libertada, que pretende ser uma república socialista, Ben Bela decreta o fechamento do Partido Comunista, pois este, se recusara a ingressar na FLN, que é a única organização partidária da Argélia. Buchir Adj Ali, secretário geral da PCA, esperneia e protesta; porém, a nosso ver, sem razão: Que faria o inconsoado dirigente bolchevista se o P. C. estivesse dono da situação? Por acaso permite o ditador Fidel Castro a existência de outros partidos em Cuba? A Rússia bolchevista permite? Nos países da Cortina de Ferro há pluralidade partidária? São paradoxos e contradições que os marxistas - leninistas - stalinistas - kruschevistas, etc. irão explicar dentro da rigorosa dialética...

Ainda mais, o P. C. Argelino é simplesmente ridículo numericamente, possuindo um total de mil aderentes.

## OUTROS CRIMES DO REGIME FRANQUISTA NA ESPANHA

Ainda com a impressão da notícia do assassinato de Grinau, acusado de ser comunista, pelo regime franquista que se implantou na Espanha desde 1939, chega-nos agora também o noticiário dos jornais, em telegrama de Madri, com data de 7 de julho, sobre a morte de Ramon Capdevile, membro da Federação Anarquista Iberica (FAI).

Esse camarada foi sumariamente fuzilado pela guarda civil na provincia de Berg, vítima, como tantos outros, da sanha reacionária do franquismo. Já preparado o jornal para a impressão, divulga-se a notícia de outro bárbaro crime franquista: a execução, pelo garrote vil (instrumento medieval de tortura) dos jovens anarquistas Francisco Granados Gata e Joaquim Delgado Martinez!

Esse hediondo crime sacudiu as consciências livres do mundo, provocando protestos, inclusive em São Paulo, por meio de um comício.

## Aniversário de "La Protesta"

A 12 de junho p. passado, comemorou-se em Buenos Aires, Argentina, mais um aniversário de "La Protesta". É o 66.º que esse vibrante órgão do movimento anarquista consegue vencer, mantendo a periodicidade que lhe é permitida, dada a situação política daquele país, que tem estado continuamente sob regimes ditatoriais e em convulsivas agitações pela posse do poder. Antes do regime peronista, "La Protesta" era diária e constituía, por assim dizer, o espelho do movimento proletário argentino, ao lado de muitas outras publicações de doutrina, de caráter específico.

Vencendo todas as dificuldades, arrostando com tremendas perseguições, "La Protesta" ainda continua, após 66 anos, a luta pela emancipação do proletariado e da redenção humana, saindo agora periodicamente, mas sempre vibrante, ativa e mantendo viva a chama do ideal em prol da liberdade.

Aos companheiros integrantes da redação de "La Protesta" as nossas mais calorosas saudações libertárias.

## EDITORA MUNDO LIVRE — (Biblioteca Social)

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS — José Oiticica	Cr\$ 350,00
O RETRATO DA DITADURA PORTUGUESA — E. Rodrigues	Cr\$ 420,00
A FOME EM PORTUGAL — Edgar Rodrigues	Cr\$ 550,00
O NOVO ISRAEL — Agustín Souchy	Cr\$ 600,00
O AMOR LIVRE — Charles Albert	Cr\$ 300,00
LA REVOLUCIÓN — Gustav Landauer	Cr\$ 450,00
VIAGEM ATRAVÉS DA UTOPIA — Maria Iniza Berneri	Cr\$ 500,00
ESPANA DE HOY — Victor Garcia	Cr\$ 200,00
SOLUÇÃO ANARQUISTA PARA A QUESTÃO SOCIAL — E. Malatesta	Cr\$ 100,00
HISTÓRICO DO PRIMEIRO DE MAIO — Serafim Porto	Cr\$ 100,00
PREANARQUIA — Randoifo Vella — Trad. de A. Pinto	Cr\$ 100,00
No prelo, a aperecer brevemente: ANARQUISMO — Roteiro da Libertação Social — de Edgard Leuenroth	

Pedidos com Valores para Ideal Perez — Caixa Postal n.º 1 (Agência da Lapa) — Rio de Janeiro — GB

## Sociedade e Classe

Por RUDOLF ROCKER

O período iniciado depois da passada guerra mundial, e que hoje conduziu a uma nova catástrofe de incalculável alcance, não somente lançou à margem uma quantidade de instituições políticas e sociais, como deu também uma nova direção ao pensamento e leva hoje à consciência de muitos e que alguns haviam reconhecido há muito tempo. Não se produziu uma modificação no pensamento das camadas burguesas da sociedade; a mesma modificação se observa também no campo do socialismo. A grande maioria dos socialistas que acreditaram em Marx na missão histórica do proletariado e sustentaram com o marxismo que "de todas as classes que se encontram hoje ante a burguesia, só o proletariado é uma classe realmente revolucionária", encontram-se agora ante fenômenos que não podem explicar com argumentos puramente econômicos. Era muito cômodo ver no proletariado o herdeiro da sociedade burguesa e acreditar que isso obedecia às férreas leis históricas, tão inflexíveis como as leis que regem o universo.

Este é o defeito de todos os conceitos coletivos e das generalizações arbitrárias. Mas o pensamento e a ação do homem não são apenas um resultado de sua incorporação a uma classe. Esta submetida a todas as influências sociais imaginárias e, sem dúvida, também depende, em parte, de certas disposições inatas que encontram a expressão mais variada sob a ação de ambiente social circundante. Seis filhos engendrados pelo mesmo pai proletário, dados a luz pela mesma mãe proletária e crescidos no mesmo ambiente proletário, seguem no desenvolvimento de sua vida ulterior, os caminhos mais divergentes e são atraídos por toda sorte de aspirações sociais, ou são alheios todo sentimento social. Um chega ao campo hitlerista, o outro se torna comunista, socialista, reacionário, revolucionário, livre-pensador ou sectário religioso. Por que ocorre isso? Não o sabemos, e tampouco os melhores ensaios de explicação não são capazes de descobrir-nos absolutamente o desenvolvimento do indivíduo.

Se o pensamento da evolução tem sua formação gradual, leis que se um sentido, só pode consentir em que todo fenômeno leva em si as leis de ajustam às condições externas do ambiente social e natural. Já o fato singular de que a fé na "missão histórica do proletariado", a idéia própria do socialismo, não nasceram do cérebro dos chamados proletários, mas foram inventadas pelos descendentes de outras classes sociais e foram apresentadas às classes trabalhadoras como um condimento pronto para o consumo, deveria soar algo criticamente. Quase nenhum dos grandes precursores e animadores do pensamento socialista surgiu do campo proletário. Com exceção de J. P. Proudhon, W. Weitling, E. Dietzgen, H. George e alguns pares de outros mais, os representantes espirituais do socialismo em todos os matizes surgiram de outras camadas sociais. Ch. Fourier, H. Saint-Simon, A. Bazard, Enfantin, V. Considérant, Th. Dezamy, E. Cabet, C. Pecqueur, Louis Blanc, E. Buret, Ph. Buchez, P. Leroux, Flora Tristan, A. Blanqui, J. de Cellins, W. Godwin, Robert Owen, W. M. Thompson, J. Gray, M. Hess, Karl Grün, Karl Marx, F. Engels, F. Lassalle, K. Rodbertus, E. Dühring, M. Bakunin, A. Herzen, N. Chernichewsky, P. Lvreff, Pi y Margal, F. Garrido, C. Psicane, Elisée Reclus, P. Kropotkin, A. R. Wallacé, M. Fluerschheim, W. Morris, N. Hyndman, F. Demela Nieuwenhuis, K. Kautsky, F. Tarrida del Marmel, F. Mehring, Th. Hertka, C. Landauer, Jean Jaures, Rosa Luxemburg, H. Cunow, G. Plekhanov, N. Lenin e centenas de outros não eram membros da classe operária.

Não foram "as leis da física econômica" as que levaram esses homens e mulheres ao campo do socialismo, mas principalmente motivos óticos, e talvez em alguns também tenham intervido outros fatores. Seu sentimento de justiça se rebelou contra as condições sociais de seu tempo e deu a seu pensamento uma orientação determinada.

E por outra parte, vemos homens como Noske, Hitler, Stalin e Mussolini, que surgiram das mais baixas camadas sociais, se elevarem à cate-

goria dos piores inimigos de um movimento operário independente e se converterem em veículos conscientes de uma reação social cuja significação para o próximo futuro não se pode calcular ainda.

Se se pudesse provar que o pertencer a uma classe determinada influi tão fortemente no pensamento e no sentimento de homem que o distingue, por toda a sua essência, dos membros das outras classes sociais e o leva por uma direção completamente determinada, então se poderia falar, talvez, de "necessidades" e de "missão históricas". Mas como não é assim, por essa senda não se chegam a perigosos sofismas que transformam o pensamento vivo em um dogma morto, incapaz de outro desenvolvimento. O que hoje se costuma qualificar como "conteúdo social" de uma classe, como "psicologia" de uma raça ou "espírito" de uma nação, é sempre o resultado de um trabalho mental individual que se atribui logo, arbitrariamente com suposta "lei da vida", à classe, a raça ou à nação. No melhor dos casos não passa de uma engenhosa especulação. Mas na maioria das vezes opera como uma fatalidade, pois estimula nesse pensamento, mas condena-o a uma infecunda paralisia.

A classe é um conceito sociológico que tem para nós a mesma significação que a divisão da natureza orgânica, pelo homem de ciência, em diversas espécies. É um fragmento da sociedade como a espécie é um fragmento da natureza. Atribuir-lhe uma "missão histórica" é incorrer num jogo especulativo de nosso pensamento e não tem maior valor que se um naturalista quisesse falar por exemplo da missão dos crocodilos, dos macacos ou cães. Não é a classe, mas a sociedade em que vivemos, e da qual a classe não é mais que uma parte, que influi continuamente até no mais profundo de nossa existência espiritual. Toda a nossa cultura, arte, a ciência a filosofia, a religião, etc., é um fenômeno social, não um fenômeno de classe, e se impõem a cada um de nós, qualquer que seja a camada social a que pertencamos.

Não nos deu já a Alemanha neste aspecto um exemplo clássico? Há ainda, nestas horas, bobos que querem ver no movimento hitlerista apenas uma rebelião da pequena burguesia, afirmação absurda privada de todo o fundamento. Na instituição do Terceiro Reich contribuíram os homens de todas as classes sociais e não em último termo as grandes massas do proletariado alemão. Em 1924 recebeu Hitler nas eleições 1.900.000 votos; dez anos mais tarde, em 1934 essa cifra alcançou 13.732.000. O exército pardo de Hitler não se compunha somente de pequenos burgueses e de intelectuais, mas, principalmente, de operários alemães que, apesar de sua origem proletária, foram tão subjugados pelos ideais do fascismo como as outras camadas sociais. Se se quer combater eficazmente a barbárie geral que ameaça nossa cultura, é preciso renunciar a mais um dogma morto e atirar ao monte mais uma "cerdade absoluta".

## EXCURSÃO EM PROL DA LIBERTAÇÃO DO POVO ESPANHOL

Marcos Ana — é o nome de uma criatura que esteve em grande destaque em todos os veículos de divulgação de São Paulo: imprensa, rádio e televisão, além da tribuna de agremiações diversas.

É como que um mensageiro de milhares de vítimas da tirania franquista, que anda em peregrinação pelo mundo denunciando os crimes de lesa-liberdade que estão manchando a história da Espanha, e conclamando todos os homens de consciência livre à luta pela libertação daqueles que sucumbem lentamente nas prisões ibéricas.

Trata-se de um combatente da guerra civil de 1936-1939 contra as forças do fascismo agora implantada contra o povo espanhol. Esteve 23 anos na prisão, por duas vezes condenado à morte, da qual conseguiu livrar-se pelas agitações internacionais. Libertado, finalmente, também em consequência do movimento de solidariedade a seu favor, decidiu sair pelo mundo a agitar as consciências em prol da libertação do povo ibérico.

## Bela atitude de estudantes libertários italianos

Na noite de 30 de abril e 1 de maio, vários estudantes italianos levaram a efeito manifestações da ação direta contra a sede do "Opus Dei", de caráter fascista-religioso, Associazione Lombarda dos industriais e o recém-reconstituído Partido Fascista, em Milão na Itália.

Nossas manifestações tomaram parte jovens de 15 a 18 anos, alguns dos quais foram presos, tendo declarado que pertenciam ao movimento anarquista italiano.

Talvez por serem menores, não foram ainda publicados os nomes dos manifestantes, o que pouco importa para o caso, pois o que se tem em vista é lembrar que nem toda a juventude é transviada e indiferente às questões político-sociais do momento.

Os ideais de liberdade e de justiça social encontram na mentalidade juvenil desses estudantes motivos de protesto contra os organismos que são fatores de tirania ou representam tendências ditatoriais e fascistas.

## EDITORA MUNDO LIVRE

Fundada por iniciativa de um grupo de companheiros da Guanabara, a Editora Mundo Livre continua a desenvolver as suas atividades editoriais, cada vez com maior empenho, já tendo editado "O Retrato da Ditadura Portuguesa", de Edgard Rodrigues, "A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos", de José Otício, e no prelo, tem agora quase finalizado, "ANARQUISMO — Roteiro da Libertação Social", de Edgard Leuenroth.

A Editora Mundo Livre funciona em moldes cooperativistas, integrando o seu capital por meio de quotas no valor de Cr\$ 150.000,00, cujos lucros, conforme acordo com os quotistas, são espregados nas edições de novas obras, até que ela se baste a si mesma e possa assegurar a distribuição de lucros aos quotistas que integram o seu quadro de socios por ações.

O livro a ser lançado brevemente — "ANARQUISMO — Roteiro da Libertação Social" — é uma obra de pesquisa de interesse atual, em que o companheiro Edgard Leuenroth empregou toda a sua capacidade na escolha de trabalhos de autores anarquistas, reunidos em forma de antologia de doutrina, crítica, história e informações.

## "O LIBERTÁRIO"

Diretor:  
PIETRO CATALO

Toda correspondência (com valores, originais, indicações, etc.) deve ser endereçada EXCLUSIVAMENTE para a CAIXA POSTAL, 5739 — São Paulo, em nome do diretor.

Redação e Administração:  
Rua Rubino de Oliveira N.º 85  
São Paulo

Assinatura Anual, Cr\$ 200,00

## Aquilino Ribeiro

O GRANDE ROMANCISTA, EXTRAORDINÁRIO PROSADOR E ESTILISTA FAMOSO, QUE MILITOU NO MOVIMENTO LIBERTÁRIO DURANTE A SUA MOCIDADE, MANTEVE-SE FIEL AOS PRINCÍPIOS E IDÉIAS DEMOCRÁTICAS ATÉ A HORA DA SUA MORTE



Aquilino Ribeiro

Ainda repercutiam na imprensa portuguesa e doutros países onde o escritor e a sua obra eram conhecidos os ecos festivos das derradeiras manifestações de altíssimo apreço que lhe foram tributadas, durante a celebração do seu jubileu literário, quando se noticiou a morte de Aquilino Ribeiro — absolutamente inesperada!

Com 78 anos de idade, o mestre insuperável da prosa portuguesa completava meio século de trabalho ininterrompido, como jornalista e escritor.

Já em 1907, quando frequentava a Escola Politécnica, fazia parte do corpo redatorial do jornal "Vanguarda", de Magalhães Lima, onde se registram os seus primeiros grandes êxitos, sucessivos, principalmente com as suas sensacionais *Notas do dia*.

Como escritor, revelou-se definitivamente em 1913, com a publicação do seu primeiro livro — "Jardim das Tormentas" —, um volume de contos prefaciado por Carlos Malheiro Dias que, embora adversário político de Aquilino, lhe tecer os mais rasgados elogios!

O seu primeiro romance — "Via Sinuosa" — só três anos mais tarde foi publicado. Malheiro Dias, em "Zona de Turões", já se tinha referido ao futuro autor do "Malhadinhas" em termos altamente encomiásticos: que Aquilino era um artista, um autor já revelado, contando entre os primeiros do seu tempo pelos seus grandes dotes de imaginação, de estilo e senso crítico invulgares. E nessa conta foi realmente tido através da sua longa carreira literária, pelos que dele falaram ou criticaram a sua vastíssima obra.

Ferreira de Castro, que no próprio dia do passamento de Aquilino Ribeiro foi interpellado pelos jornalistas, sobre o extinto, declarou, visivelmente emocionado, "que tinha falecido um dos maiores escritores de todos os tempos, glória não só de Portugal mas de todos os países onde se fala o nosso idioma!"

Tudo quanto se disse do ilustre escritor, antes ou depois do seu traspasse, tem a honrosa marca do mais merecido elogio — mas somente em relação à obra literária que realizou. Do homem de idéias e de ação, do militante que fez do movimento libertário, nos últimos tempos da Monarquia, do revolucionário e dos sacrifícios que ele tantas vezes fez pela Democracia, da sua obstinada oposição a tudo que propendesse para o despotismo para a prepotência, para a coartação da liberdade de pensamento, de tudo isso nada foi dito nos jornais — por ser impossível fazê-lo nesta situação, naturalmente — e nós entendemos que se deve honrar a memória do ilustre escritor agora desaparecido dando a lume alguns dos ignorados pormenores da sua atividade revolucionária, que teve a assinalável verdadeiros lances de estóica valentia, de consciente solidariedade e da mais serena e prudente atuação em momentos áridos das batalhas travadas contra os ditadores de todos os tempos.

Outros, que não eu, podiam e deviam tê-lo dito já, com o necessário brilho e com a eloquência de que não posso desvanecer-me. Mas não vejo que seja petulante vaidade dizer, em casos destes, o que se sabe e como se sabe, porque a mocidade de agora tem imperiosa necessidade de que o seu brío e os seus generosos sentimentos sejam esclarecidos e estimulados — e isso se poderá conseguir, de certo modo, dando-lhe a conhecer o que em realidade foi a vida de cer-

tos homens, de quem ignoram os sublimes exemplos de liberalidade em prol do bem coletivo e da mais ampla e cara liberdade do ser humano. E Aquilino Ribeiro foi, sem dúvida, um desses homens!

No alvor da sua juventude inquieta, deixou-se empolgar pelas idéias que então agitavam a vida portuguesa e participou corajosamente em batalhas suas quais via envolvidos homens da envergadura moral e intelectual como Boto Machado, Heliodoro Salgado, Ramada Curto, Campos Lima, José Nunes e tantos outros, que se empenhavam na derrota da Monarquia reinante. E colocou-se abertamente ao lado dos *intervencionistas*, isto é, dos anarquistas que então decidiram aliar-se "transitoriamente" aos republicanos, para derrubar o trono dos Braganças.

Aquela adesão ao movimento republicano era dada, dizia-se, em circunstâncias especiais. Implantada a República, os *intervencionistas* voltariam a ocupar os seus lugares na propaganda especificamente ácrata, contra a burguesia, contra a sociedade capitalista. Mas não aconteceu exatamente assim.

Porém não é este o lugar nem a ocasião é a mais indicada para apreciar o que naquela atitude dos anarquistas pode ter havido de acerto ou desacerto — embora se possa assinalar que a homogeneidade do movimento ácrata sofreu com isso, visto que muitos dos que intervieram diretamente na ação republicana não mais voltaram a enfileirar nos seus antigos grupos — e Aquilino Ribeiro foi um deles, ainda que se tenha mantido fiel às idéias libertárias durante muitos anos.

Quando o nome de Aquilino Ribeiro apareceu pela primeira vez nas colunas dos jornais, como filiado no movimento anarquista, o módo revolucionário contava 22 anos de idade. Estava comprometido no caso das bombas que rebentaram num quarto da rua do Carrião — acidente de que resultou a morte de dois companheiros seus.

Como a polícia apurasse — de resto sem nenhuma dificuldade — que o desastre ocorrera na habitação do estudante, este foi preso e metido num calabouço da medonha Esquadra do Caminho Novo, rigorosamente incommunicável — de onde conseguiu fugir misteriosamente, passados dois meses! E foi homiar-se em França, fixando residência em Paris. Dali, pediu trabalho de colaboração ao diretor da "Ilustração Portuguesa" (Malheiro Dias), que logo lho concedeu.

Nos seus brilhantes artigos — e até na correspondência que com Aquilino manteve "até ao advento da República", pareceu a Malheiro Dias que "Aquilino Ribeiro ia perdendo a selvageria ativa do início. O revolucionário humanizava-se com o nosso conservantismo tolerante e a sua orgulhosa "brusquerie" ia abrandando quasi em cordialidade".

Sem dúvida, todo o homem, conforme o seu espírito e a sua noção das responsabilidades amadurecem, refina o seu modo de pensar. E muitas vezes acontece que os seus pontos de vista se modificam com a idade. Mas convenhamos que Aquilino era ao tempo demasiado jovem, para mudar tão de repente — e não mudou! Antes continuou amando apaixonadamente a liberdade e a combater por ela, propagando pelo respeito dado à pessoa humana, exaltando os princípios fundamentais da Justiça e alcançando a sua voz, o seu vigoroso verbo contra os potentados da terra.

O movimento do 28 de Maio, do qual proveio o regime ditatorial vigente, teve em Aquilino Ribeiro um irredutível inimigo, desde o início. E essas facetas que têm sido denominadas de "Salazarismo" e "corporativismo", mas que estão perfeitamente integradas no denominativo generalizado de "totalitarismo", nunca foi, nem ao de leve, tolerado pelo escritor e homem de idéias — e isso lhe valeu ser perseguido, como tantos outros o foram e pelo que houve de abandonar o país, diversas vezes.

Pode dizer-se que a última demonstração que o "salazarismo" fez da sua antipatia e do seu feroz despeito contra Aquilino Ribeiro, foi por ocasião do aparecimento do seu livro "Quando Uivam...", em 1958. A obra foi apreendida e o autor proces-

(Conclui na 2.ª pág.)

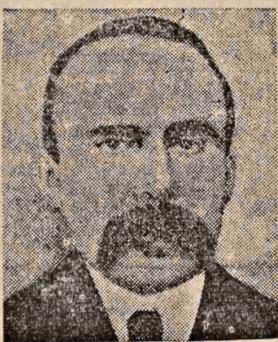
## Sacco e Vanzetti

### Um filme sobre seu sacrifício

**A INJUSTA CONDENÇÃO DOS DOIS ANARQUISTAS À CADEIRA ELÉTRICA. TANTAS VEZES RELEMBRADA EM DIVERSAS PRODUÇÕES DE TEATRO, VAI SER AGORA LEVADA AO CINEMA.**

Na última semana de julho p. passado, a imprensa noticiou a iniciativa da produção de um filme sobre os trágicos acontecimentos que culminaram na condenação de Sacco e Vanzetti, em 1927, após tremenda onda de protestos e de acirrada polêmica em todo mundo, provocando a intervenção de personalidades, em favor daqueles anarquistas que a justiça do capitalismo norte-americano insistiu em condenar como ladrões e assassinos.

Pouco, ou nada, precisamos acrescentar à notícia divulgada pelo "Diário da Noite" de 22 de janeiro de 1963, e mais recentemente pelo "Jornal do Brasil". Ela:



Bartolomeo Vanzetti

"ROMA — Finalmente tomou-se a grande decisão de filmar a história de Sacco e Vanzetti. A idéia estava em discussão já há algum tempo, entre Lino de Laurentiis — será o produtor do filme — e alguns de seus colaboradores e amigos. Na realidade é uma antiga conjectura, muitas vezes discutida nos meios do cinema internacional, em especial italiano e norte-americano.

O diretor escolhido para sua realização é Richard Fleishner, a quem se devem filmes ímpares por seus méritos, desde "Compulsão" — outro argumento judicial de grande emoção, o do processo de Leopold e Loeb — a "Barrabas", o grande filme espetacular mais recente, "20 mil milhas submarinas". Para os papéis principais ainda não decidiu coisa alguma, mas corre rumores quanto ao nome de Burt Lancaster para um deles.

#### Reabilitação

A tragédia de Sacco e Vanzetti foi vista diversas vezes no teatro e na televisão. Em 1960, um teatro em Greenwich Village, representou um drama de Armando Auticino, inspirado na história dos anarquistas. No ano seguinte, houve uma versão televisada, dirigida por Sidney Lumet. Em outubro de 1961, uma nova ópera musical foi confiada a Marc Blitzstein, pela Fundação Ford e sua estreia foi há pouco tempo. Em 1961, uma companhia italiana estreou uma notável obra de teatro, inspirada também naqueles trágicos episódios da História.

Seus autores eram Roli e Vincenzoni, e a peça fez grande fortuna sendo a seguir representada em outras partes do mundo.

O filme é especialmente esperado nos Estados Unidos onde, passados 35 anos da conclusão daquele drama, a História continua mantendo vivo o interesse dos estudos de Direito e de História social. O filme basear-se-á no desenvolvimento do processo e em documentos sobre a morte de Sacco e de Vanzetti. A nova versão contribuirá seguramente para incentivar um projeto de reabertura do processo, para a reabilitação dos dois italianos, cuja morte foi condenada em todos os países do mundo e suscitou polêmicas que, atravessando os anos e os tumultuosos sucessos de guerras e revoluções sociais, não deixou por um minuto sequer do despertar interesse. Sabe-se que Vincenzina Vanzetti, irmã de Bartolomeo, proporcionará documentos para a filmagem. Vin-

cinza tem dedicado sua vida inteira à reabilitação "post mortem" de seu irmão.

#### Velha polêmica

A tela reviverá, assim, a história do famoso processo. A 15 de abril de 1920 cometeu-se em South Braintree, Massachusetts um roubo de ação fulminante. O caixa e a proprietária de uma empresa de calçados, foram mortos quando levavam o dinheiro para o pagamento do salário dos operários. O roubo montava a 15.776 dólares. A investigação dirigiu-se imediatamente ao reduto dos emigrantes italianos. Deteve-se em Nicola Sacco, operário sapateiro e Vanzetti, ex-padeiro, mas naquela ocasião vendedor ambulante de peixes. Ambos haviam sido indicados à Polícia, porque haviam alugado um carro e porque possuíam armas e eram anarquistas. O processo que os conduziu à cadeira elétrica, foi terrível. Em novembro de 1925, dois anos antes de terem sido executados, um jovem portorriquenho Celestino Madeiros, confessara ser autor do delito, mas a Corte não levou em conta a confissão, nem mesmo examinou-a.

O caso encaminhava-se para a sua fatal conclusão e não valeram as intervenções a favor dos condenados, de personalidades como



Nicola Sacco

Einstein, Rolland, Gide, Shaw, Mme. Curie e Anatole France. Permanecem como testemunhos, os textos, livros, biografias de Howard Fas, cartas de Vanzetti e ensaios da época sobre esta dramática história de nossa época. O filme renovará a velha polêmica, mas é possível que a conduza de novo aos tribunais, para uma solução definitiva".

#### "A Decadência de um Sistema Político e Social"

De um velho militante residente em Bagé, Rio Grande do Sul, recebemos agora, como já temos recebido por várias vezes, um boletim com o título — **A Decadência de um Sistema Político e Social** — em que esse esforçado companheiro estuda a situação atual do mundo em contraste com a sociedade futura do socialismo-libertário.

Esses boletins são por ele escritos, editados e distribuídos, coisa que vem fazendo há muitos anos, tornando-se um infatigável batalhador do anarquismo e das liberdades sociais.

Trata-se de Venancio Pastorino Sbrinhe.

## Contra o Barbarismo Dominante na Espanha

**APELO AOS LIBERTÁRIOS E A TODOS OS HOMENS LIVRES DO MUNDO PARA UMA AÇÃO DECISIVA**

Dirigimo-nos a todas as criaturas de consciência livre, e principalmente ao movimento libertário internacional, tanto aos grupos como às individualidades, no sentido de obtermos ajuda solidária para se empreender uma campanha internacional de protesto contra as arbitrárias e brutais condenações que o franquismo vem impondo a membros de nossas organizações libertárias na Espanha.

Consideramos um dever imperioso de toda a militância anarquista o estar presente e fazer toda a propaganda necessária para se conseguir criar uma corrente de simpatia e de apoio aos nossos companheiros, acusados, sem provas, de delitos que vão desde a insurreição violenta até às edições da imprensa clandestina, impondo-se-lhes condenações que oscilam entre 30 a 8 anos de presidio.

Na luta pela liberdade do povo espanhol, o Movimento Libertário tem correspondido com o máximo de esforço e sacrifício, sendo o que mais ressenhiu, em todos os momentos, a ferocidade repressiva do regime.

Nessa ação esteve sempre, e agora mais do que nunca, encaminhada no sentido de obter a derrocada da tirania franquista, para conseguir o restabelecimento das liberdades em Espanha e possibilitar as suas plataformas efetivas de luta pelo anarquismo.

Portanto, consideramos que com o apoio de nossos companheiros de outros países, poderemos fazer algo efetivo para mobilizar a repulsa do mundo inteiro contra o regime ditatorial que oprime o nosso povo, evidenciando a sua justiça (?) e pressionando no sentido de se conseguir a revisão dos processos daqueles que não tiveram nenhuma oportunidade para se defenderem.

Para isso, fazemos um apelo a todos os anarquistas do mundo e a todos os homens amantes da liberdade, no sentido de se solidarizarem com nossos companheiros organizando toda a classe de protestos e enviando cartas e telegramas exigindo a sua liberdade às organizações — O.N.U. e U.N.E.S.C.O., Liga dos Direitos do Homem etc. — interessando nesta campanha também a todas as personalidades da Arte, das Letras e da Ciência, afim de que esses protestos adquiram a maior eficácia possível.

Fazemos também um apelo a toda a militância anarquista internacional, organizada ou não, a prestarmos todo o seu apoio moral e ajuda econômica possível, para se continuar combatendo contra o fascismo ibérico. A luta do povo espanhol pode e deve ser a bandeira que unifique o Movimento Anarquista Internacional na luta pela liberdade do mundo.

C. N. T. (Confederação Nacional do Trabalho)  
F. I. J. L. (Federação Ibérica das Juventudes Libertárias)  
F. A. I. (Federação Anarquista Ibérica)

## Sacrifício do Trabalhador Como Fator de Progresso...

Foi no período de fins de 1907 até 1909 que se verificou em São Paulo uma agitação animada por impulsos de solidariedade humana, provocada pelo fato de se estar praticando um sistema de bárbaro escravagismo com o intuito de se processar o progresso do País.

Iniciava-se, então, a construção da Estrada de Ferro Noroeste. O seu ponto de partida era Baurú, que, poucos anos antes, surgia em terras conquistadas para a "civilização", delas expulsando os indígenas que habitavam a região e iam sendo escorraçados mais para o sertão!

A primeira etapa a alcançar era Araçatuba, cidade hoje grande e próspera. A zona era pestilenta e sujeita a endemias, principalmente o "beriberi", que atacavam os trabalhadores, causando vítimas sem conta. Os selvícolas, acossados como feras, defendiam-se quando e como podiam. Os trabalhos da construção da ferrovia desenvolviam-se lentamente. Tornava-se difícil aliciar operários para as obras, em virtude da má fama da região, considerada mortífera, e pela exploração escravagista que lá se praticava. As notícias a esse respeito corriam mundo.

Os infelizes trabalhadores seguiam para longínquos acampamentos e lá ficavam condenados à segregação. Não podiam comunicar-se com suas famílias. Desesperados por essa situação, dispunham-se a regressar, mas isso não era possível por falta

de recursos. Depois, ainda que os tivessem, tinham de desistir desse intento devido à brutal perseguição dos capatazes, que os impediam de transitar pelo leito já aberto da Estrada, forçando-os a penetrar nas matas, expondo-se aos animais ferozes que as infestavam.

Assim foram sacrificados milhares de trabalhadores em holocausto da "civilização" e para a valorização das ações da Companhia.

Os trabalhos deviam prosseguir, mas o arrebanhamento de trabalhadores diminuía cada vez mais. Entretanto, o Estado também estava interessado na construção da Estrada. Por isso, empenhou-se a fundo na obtenção da mão-de-obra, com o arrebanhamento sumário de trabalhadores, que a inserção voluntária não conseguia. A Polícia teve a incumbência dessa tarefa, organizando batidas em determinados pontos da cidade, em logradouros públicos, em bares, botecoques, cafés, etc., prendendo aqueles que eram apanhados de surpresa e que, com a classificação de vagabundos, eram enviados para Araçatuba, em grandes levadas, como gado destinado ao matadouro.

Isso se fazia sob a alegação de se proceder à limpeza da cidade, livrando-a de "maus elementos"!

Dessa forma, todos aqueles que caíam nas malhas dessa caçada humana eram desterrados para o sertão inhospido, como vítimas indefesas que iam acabar miseravelmente na construção da nova ferrovia.

Contra esse tráfego de carne humana, contra esse crime com o qual se atingia a liberdade e a vida dos trabalhadores, insurgiram-se os libertários, que se colocam sempre nas lutas contra todas as tiranias. Foi então iniciada uma agitação promovida principalmente pelo movimento anarquista, denunciando à opinião pública o crime que se estava praticando. Por meio da imprensa, de manifestos, e boletins, de conferências e comícios, lançou-se o brado de alerta contra esse crime de lesa-humanidade, provocando gerais protestos contra esse regime de opressão, de menosprezo à personalidade humana.

Dessa forma, cada dormente dos trilhos da Noroeste representa o cadáver de um ser humano, como aconteceu igualmente na Madeira-Momará. Foram milhares de vidas de trabalhadores sacrificadas em holocausto a esta "civilização" do capitalismo.

RODOLFO FELIPPE

## NOSSO CORREIO

Conforme temos feito em outros números, servimo-nos desta seção para antecipar respostas a cartas recebidas, como também confirmar respostas dadas, ou ainda para transmitir ligeiros recados que dispensam correspondência.

**SÃO PAULO — Isa Ruti:** Como todos estamos sujeitos a horários de trabalho, a sede do Brás, salvo casos de emergência, somente está aberta aos sábados e segundas-feiras à noite. A confiança no acerto do ideal anima a disposição para a peleja. Saúde!

**SANTOS — S. P. — L. J. Costa:** Confirmamos nossa carta de 29 de julho, em que acusamos recebimento da importância remetida e comunicamos o registro do endereço do Dr. Francisco. Saudações a ambos.

**SÃO JOSÉ DO RIO PRETO — S. P. — F. V. Branco:** Reiteramos comunicação de nossa carta de 29 de julho do recebimento do cheque, bem como a solicitação feita sobre pessoas que aí recebem o jornal. Nossos saudações.

**RIO DE JANEIRO — (GB) — Serafim:** Muito bem! Valiosa cooperação, com a qual continuamos a contar. Saúde.

**RIO DE JANEIRO — (GB) — Ideal:** Acertado o que diz sobre o encontro. O trabalho paciente e perseverante vai dando resultados. Mais detalhes serão ditos por carta. Saúde a todos.

**BAGÉ — RGS — V. Pastorino:** Já terá recebido nossa resposta à sua carta de 9 de junho. Recebida a de 30 de julho, juntamente com a importância remetida. Estamos distribuindo os exemplares do boletim que nos remeteu. Corrigido o endereço. Saúde.

**BUENOS AIRES (R. Arg.) — J. R. Buella:** Recebida sua carta de 10 do 6. Sua atuação no Brasil é lembrada pelos elementos da velha guarda. Continuará a receber o jornal. Saúde!

ISA RUTI

## "PREANARQUIA"

Editado por C. Aldegheri, em tradução de A. Pinto, acaba de sair este folheto de Rodolfo Vella com duas edições na Itália, em que se estuda o estabelecimento de uma sociedade preanarquista, isto é, o regime de convivência transitório entre a sociedade capitalista e a anarquia, que, no pensar do autor, seria denominada **Preanarquia**.

Muito interessante, com uma tradução bem cuidada, esse folheto encontra-se à venda nas livrarias de Santos, Rio e São Paulo, e será remetido também aos interessados que o pedirem pelo reembolso postal, para a Caixa Postal, 5.739, em São Paulo, ao preço de Cr\$ 50,00.

## PINGOS D'ÁGUA...

"PINGOS D'ÁGUA NO OCEANO" — é a caridade exercida no sentido religioso. No sentido científico é que a CARIDADE devia ser feita: dando a todos o direito de se abastecer do que é necessário à vida, sem implorar, mas tomando, muito ativamente, do produto do trabalho — que de todos é Direito e, outrossim, é Dever: Dever oriundo do próprio Direito de trabalhar, — Dever espontâneo, sem a coação do patronato.

Dever de trabalhar, para o direito de viver!

"Um homem sábio não se deixa de governar, nem procura governar os demais; deseja que só a razão governe, para sempre". — La Bruyère.